



7 • Correio Braziliense — Brasília, domingo, 1º de junho de 2025

| Bolsas | Pontuação B3 | Dólar | Salário mínimo | Euro | CDI | CDB | Inflação |
|--------------------|---------------------------|------------------------|--|---------------------------------|-----------|----------------------------|--|
| Na sexta-feira | Ibovespa nos últimos dias | Na sexta-feira | Últimos | Comercial, venda na sexta-feira | Ao ano | Prefixado 30 dias (ao ano) | IPCA do IBGE (em %) |
| 1,09% São Paulo | 137.824 137.026 | R\$ 5,719 (+ 0,93%) | 26/maio 5,675 27/maio 5,645 28/maio 5,695 29/maio 5,667 | R\$ 1.518 | R\$ 6,495 | 14,65% | Dezembro/2024 0,52 Janeiro/2025 0,16 Fevereiro/2025 1,31 Março/2025 0,56 Abril/2025 0,43 |

SOCIOBIOECONOMIA

Primeira agroindústria em área de várzea movida a energia solar no Brasil se torna fonte de renda e motivo de orgulho para trabalhadoras no Pará. Venda de óleos e manteigas provenientes de plantas da região ampliou receita das comunidades em 60%

Sementes dão dignidade a mulheres da Amazônia

» RAFAELA GONÇALVES

Águia Drone Imagens Aéreas/ Natura/ WEG



Venda de insumos para a indústria cosmética trouxe reconhecimento e independência financeira para as mulheres do Maniva

Ilha das Cinzas (PA) - O conhecimento ancestral sobre o uso de plantas amazônicas tornou-se um grande potencial econômico para mulheres ribeirinhas no município de Afuá, no Arquipélago do Marajó (PA). As sementes e amêndoas de murumuru, andiroba, ucuuba e patuá, já usadas para a fabricação de sabão e óleo para fritura, transformaram-se em um insumo atraente para a indústria cosmética.

Matriarca da comunidade e fundadora do Centro de Produção de Mulheres do Maniva, Lourdes Batista da Silva contou que o uso desses recursos foi transmitido entre gerações, mas o trabalho com sementes começou em meados de 2015.

"Eu, pelo menos, falo de boca cheia e tenho orgulho da minha pessoa. Me casei com 15 anos de idade, tive minha primeira filha com 16 anos, mas nunca parei de trabalhar", disse Dona Lourdes, hoje aos 72 anos.

O grupo, que conta atualmente com 13 mulheres, iniciou o trabalho com sementes baseado em troca de mercadorias, sem acesso a dinheiro. Ao perceberem que as sementes que caíam das árvores tinham valor na indústria de cosméticos, elas se reuniram para vender os insumos coletados para a Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas da Ilha das Cinzas (ATAIC). "Mudou muita coisa, porque a gente passou a não depender mais de homem", destacou Lourdes.

As sementes são coletadas na natureza, não são plantadas, e o trabalho começa logo pela

manhã. Todos os dias as mulheres saem em duplas por volta das 7h e voltam às 18h. Quando começou a atuar, o grupo foi muito criticado pelos homens da própria comunidade, que as chamavam de "loucas" por irem para o mato e diziam que deveriam ficar em casa cuidando dos filhos. "Eles diziam 'olha lá as loucas, já foram para o mato'", contou Benedita de Oliveira, de 40 anos.

Dionete da Silva Cardoso, 48 anos, foi uma das primeiras mulheres de sua família a quebrar o ciclo das tarefas domésticas. Ainda na infância, começou a trabalhar com extrativismo com o pai, que era seringueiro. Mas antes, segundo ela, "só os homens trabalhavam". Com nove filhos e sete netos, ela sustenta a família ao lado do marido por meio da coleta dos frutos. "Minha mãe,

que também é mãe de 12 filhos, foi ajudando a gente a entender que o trabalho não era só para o homem", relatou.

Nas palavras de Dionete, o agroextrativismo trouxe reconhecimento para a comunidade. "Não éramos vistas, não éramos reconhecidas. Vivíamos dependendo do que eles (os homens) traziam para a gente. E, hoje em dia, não. Se a gente quer

comprar algo para nossa família, para nós mesmas, nós já temos o nosso dinheiro", disse.

Após a coleta no campo, os insumos são levados para o centro onde passam por um processo de checagem e um trabalho manual para a separação dos frutos. A atividade, embora às vezes dificultada por fatores como a seca, evoluiu com a chegada de máquinas para processamento e quebra das

sementes, que tornou o processo mais fácil, especialmente para as mulheres mais velhas, que têm dificuldade de enxergar.

A colaboração trouxe reconhecimento e independência financeira, permitindo que as mulheres tivessem sua própria renda e contribuíssem para a renda familiar. Apesar dos desafios e das críticas dos homens, a produção das mulheres do Maniva tornou-se motivo de orgulho e permitiu a realização de sonhos, como viajar. "Era um sonho que eu tinha, andar de avião, e eu consegui. Fomos discriminadas, fomos, mas agora acabou", celebrou Benedita.

Valor agregado

Cerca de 470 famílias agroextrativistas fazem parte da ATAIC, que trabalha há nove anos fornecendo insumos como murumuru, ucuuba e pataúá para a Natura. O trabalho da associação consiste no processamento de bioativos, que são revendidos para a indústria cosmética. Ao passar a vender óleos e manteigas ao invés de sementes e amêndoas, há uma ampliação da receita da comunidade em cerca de 60%.

Segundo Paulo Dallari, diretor de Reputação e Governo da Natura, há inúmeras vantagens em processar bioativos da Amazônia na própria região, em vez de transportar a matéria-prima in natura. "Entre as vantagens que contribuem para esse aumento estão a redução do volume transportado, ganho de qualidade e estabilidade, já que o produto processado é mais estável e fácil de conservar", afirmou.

Energia solar em área de várzea

A Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas da Ilha das Cinzas (ATAIC) tornou-se a primeira agroindústria operada com sistema fotovoltaico e armazenamento de energia em baterias em uma área de várzea, região amazônica periodicamente alagada pelos rios. A instalação do sistema, inaugurado em maio, é fruto de uma parceria entre a Natura e a WEG, empresa catarinense de equipamentos eletroeletrônicos.

A tecnologia empregada consiste em um sistema fotovoltaico off grid, que utiliza painéis solares instalados na unidade produtiva para gerar energia. O excedente dessa produção será armazenado em baterias (BESS - Battery Energy Storage System), garantindo eletricidade mesmo à noite ou em dias de menor incidência solar.

Um dos grandes desafios no interior da Amazônia é garantir energia limpa, pois muitas comunidades ainda dependem de óleo diesel. O sistema BESS permite o armazenamento e o uso contínuo da eletricidade gerada, reduzindo significativamente a necessidade do gerador a diesel, que passa a ser utilizado apenas como alternativa emergencial. "Este sistema é crucial, porque

a localização da agroindústria é isolada e não possui conexão com a rede elétrica", destacou Alexandre Eiji Amano, gerente de Sustentabilidade da WEG.

"Em um sistema solar sem bateria e sem conexão à rede, a energia só é gerada e utilizada enquanto houver sol. Com a integração do sistema de bateria, a configuração muda radicalmente. O BESS se torna o sistema principal, e o gerador a diesel passa a ser apenas o backup, entrando em operação somente para garantir a segurança energética total caso os sistemas principais falhem", explicou Amano.

Francisco Malheiros, presidente da ATAIC, definiu a iniciativa como "histórica". Segundo ele, a expectativa é que, com a nova estrutura energética, a associação consiga aumentar a produtividade e sirva de modelo para outras iniciativas semelhantes na Amazônia e em outras regiões do Brasil. "Não é só um modelo de indústria, mas de residência e bem-estar para centenas de famílias", disse.

Logística

A área de várzea está sujeita a inundações diárias e solo instável, diferente das fábricas em

Águia Drone Imagens Aéreas/ Natura/ WEG



terra firme. Foram dois anos de planejamento até a inauguração do projeto, que enfrentou inúmeras dificuldades logísticas. A carga saiu de Santa Catarina e atravessou o Oceano Atlântico até chegar à região em um processo multi-modal.

"O transporte dos equipamentos para a instalação, como os painéis solares e outros componentes da agroindústria, foi

particularmente difícil. No total, três toneladas de equipamentos foram transportadas", contou Daniel Godinho, diretor de Sustentabilidade e Relações Institucionais da WEG.

A ATAIC é a 20ª agroindústria em parceria com a Natura, mas a primeira autossuficiente em produção de energia limpa. A iniciativa oferece um modelo replicável para outras regiões da

Amazônia e comunidades isoladas. Para Angela Pinhati, Diretora de Sustentabilidade da Natura, a iniciativa é uma demonstração prática do potencial da bioeconomia. "É uma maneira de fortalecer nosso plano de industrialização sustentável na Amazônia e reconhecer o protagonismo das comunidades tradicionais na conservação da floresta em pé", disse.

Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas da Ilha das Cinzas (ATAIC)

Mudanças climáticas

As mudanças climáticas, manifestadas pela alteração nos regimes de chuva e seca, são percebidas como a principal ameaça atual, afetando diretamente a floresta e a vida das comunidades no Arquipélago do Marajó. "Especificamente, nos últimos anos, na época que antes era de muita chuva, agora faz sol, e na época de muito sol, chove", contou Josineide Malheiros, gestora ambiental e fundadora da ATAIC.

Mudanças nos padrões de chuva e seca afetam as frutas e o rio, do qual dependem para diversas atividades. Segundo ela, essas alterações no clima já impactam o trabalho das comunidades na floresta. "Por exemplo, quando o verão é forte, as frutas não caem das árvores, elas ficam lá em cima, seguras", explicou.

Outra questão ambiental de grande preocupação é a potencial exploração de petróleo na região da Foz do Amazonas, região intimamente interligada. Para as comunidades da região, a discussão é vista como algo distante, mas que eventualmente chegará. (RG)

* A repórter viajou a convite da Natura e da WEG